

Corpo caloso
Por Gabriela Estevão

ELA: Sono. Vivo com sono. Meu corpo quer descanso e eu insisto em cansá-lo. Quatorze horas diárias com um único objetivo: ganhar dinheiro. Quando sobra tempo, compro coisas, coisas que me distraem do cansaço, de tudo, de mim mesma. Coisas que preciso comprar, que me fazem sentir importante, coisas sem as quais jamais poderia viver ou ser feliz ou ser alguém- dizem. Minha casa tem três quartos, três camas, dois sofás- todos intocados. Cultivo insônias e, estranhamente, me orgulho disso. Vou dormir- não, agora não, não é hora. Nunca é hora. Acorda. A reunião. MERDA! Tá tudo parado, tudo parado. Carros, ônibus, avenidas. Queria chegar antes. É sempre bom chegar antes, conseguir antes. Ser pioneira. Ser recordista. Vencer, vencer. Vencer PRIMEIRO. Corre vai. Dá seu jeito. Se vira. Voa. Ai. Não sinto minhas pernas. NÃO SINTO MINHAS PERNAS.



Antes...

Café em um prédio comercial qualquer, em uma esquina qualquer. Naquele prédio, naquela esquina.

ELA: Não sinto minhas pernas.

OUTRA: Descruza elas. Estica. É simples.

ELA: Mania de infância.

OUTRA: E ainda se surpreende quando elas formigam?

ELA: Sempre. Cruzo e me esqueço delas.

OUTRA: E por isso elas dormem. Você tem que ver isso.

ELA: Pelo menos *elas* dormem. Eu sei. Vai pra casa?

OUTRA: Não. Faço uma cirurgia às cinco. Tive um sonho estranho.

ELA: Descansou pelo menos? Sonho?

OUTRA: De leve. É, sonhei que meus diplomas eram travesseiros.

ELA: Travesseiros?

OUTRA: E almofadas coloridas. diplomas, prêmios, artigos publicados, tudo acolchoado, com capa e zíper. Eu espalhava eles pelo consultório, rolava em cima deles, via filmes antigos projetados no teto e dormia. No meio do filme, eu dormia. De boca aberta. Aberta!!! Pense.

ELA: Se fosse pra escolher, teria sonhos eróticos no cofre do tio patinhas. Mas almofadas???

OUTRA: Já experimentei tirar tudo da parede, pôr revistas e quadros em gavetas, esvaziar prateleiras e expor só porta-retratos. Registros de viagens e aniversários em família. Guardar tudo foi ok, ficou meio entulhado, mas, nada demais. O problema foi o porta-retratos. Vasculhei horas e o álbum mais recente que achei era de 1995. Férias de verão, arraial do cabo.

ELA: Arraial do cabo!

OUTRA: Estava irreconhecível. Pareciam fotos decorativas de porta-retratos, aquelas de papelaria. Nenhum paciente me respeitaria.

ELA: E todos descobririam sua idade real.

OUTRA: A calça bag da Benetton e moletons do hard rock café denunciavam. Meu passado virou capa de caderno adolescente.

ELA: Que doidera.

TERCEIRA está em um cubículo próximo à janela daquele prédio comercial qualquer, naquela esquina qualquer, escrevendo e pensando:

Int. Bar- Noite. Pessoas conversando ao fundo. Surge uma mulher bonita. Caio vê a mulher, os olhares deles parecem se cruzar, ele sorri, ela parece retribuir o sorriso. Que tédio. Vai, respira e vai. Ele repara no decote dela, fica hipnotizado. Olha para o rosto da moça, que agora vem em sua direção. Caio se empolga, mas a moça passa direto por ele e beija o homem na mesa atrás dele. Mais do mesmo. Afe. Respira fundo. Que horas são? Duas e quarenta de dois. Hum, chocolate belga. *Pega e come.* Vai. O casal continua beijando, zoom no homem chegando até o pescoço dele. Vemos bonecos animados fazendo ações viris, malhando, caçando, etc. (Duas e meia. Merda. Guenta firme. Pensa nas contas. Mais umas horas e luz garantida.) Mulher bonita cheira o pescoço do homem.

OUTRA: Impossível engavetar meus diplomas, eles são meus souvenirs. Símbolos de memória recente. Recibos de vida. Eu sou aquele carimbo da UERJ. Aquele título abaixo do meu nome. Meu coração bate na cadência do meu CRM.

ELA: Sua mão.

OUTRA: Merda. Está mais frequente.

ELA: Por que? Cafeína? Stress? Paixão?

OUTRA: Rebeldia. Treme quando bem entende. Não tem lógica.

ELA: Você tem que ver isso.

Os mamilos dela enrijecem. (Respira). *Mais chocolate belga. Come tudo. Depois uma barra garoto. Ânsia de vômito.* (Respira, vai. Continua. Conta de luz, conta de luz, conta de luz.)
Assinatura: HOMME, descubra seu poder a cada borrifada". (Borrifada? Não. Você é melhor que isso... Afe. Vai.) HOMME, descubra seu poder a cada fungada. Cada cheirada. Cada...
HOMME, descubra seu poder. *Vomita.*

OLHO de OUTRA: Não aguento mais.

MÃO de OUTRA: Eu sei.

OLHO de OUTRA: Me ajuda? A terminar?

MÃO de OUTRA: Tem certeza?

OLHO de OUTRA: Tenho. Mas olha. Digo... Ah, entendeu, né? Olha... faz de uma vez.

MÃO de OUTRA: Assim, num estalar de dedos?

OLHO de OUTRA: Sem pestanejar.

ELA: Café coado, por favor. Antigamente meditar resolvia. Agora, não.

OUTRA: Tem que ver isso. Expresso, macchiato. Como está a Maria?

QUARTA: Com chantilly?

ELA: Eu sei. Sim, Chantilly, sim. Não vejo há uns três meses. Mas trocamos mensagens.

TERCEIRA *entra, vindo do décimo andar*: Um chá de boldo. O wifi tá funcionando?

QUARTA: Boldo não tem. Wifi tá sim.

TERCEIRA: Camomila então. (Respira, vai).

OUTRA: Palavras ou Emojis?

ELA: Os dois. Aquilo né?! Tudo bem, filha? Tudo. Alguma novidade. Nada demais. Sempre isso. Sempre nada demais. Sua mão.

OUTRA: Ai, merda. Não sente falta dela?

ELA: O café, tá saindo? Falta?

QUARTA: Quase.

TERCEIRA: Tem jornal de hoje?

ELA: Boa, o jornal, tem? Valor econômico? Ai.

QUARTA: Tem.

OUTRA: Que foi?

ELA: O coração. (não sei por que pergunto isso, nunca tem valor econômico). Disparou de novo.

QUARTA: O Dia.

TERCEIRA: Serve.

ELA: Deixa.

OUTRA: Ah traz um cookie, por favor. Palpitação e dormência. *Boceja*. E esse café vai sair?! Já fez check-up esse ano?

QUARTA: E você, cookie também?

ELA: Não. Sim, cookie sim. Não vou ao médico há anos. Mas a dormência é na perna.

QUARTA: Seu café, seu chá. Ali ó. O seu coado tá saindo.

OUTRA: Você precisa ver isso, essa dormência. Obrigada. Cadê o açúcar?

QUARTA: Ali ó.

ELA: Depois eu vejo. O wifi? Mudou a senha?

QUARTA: Seu coado. Não. cafe123. Todas minúsculas.

ELA: Sem smartphone perderia cinquenta mil por dia. *Dormência*. Ai. Sua mão, de novo.

OUTRA: Merda. Descruza as pernas. Engraçado cruzo as minhas, mas elas não dormem.

ELA e OUTRA bebem suas bebidas e QUARTA continua seu trabalho no café.

ELE *no nono andar, palestrando*: Antes, o trabalhador era visto como mera mão de obra, um produtor de recursos. Servindo apenas para doar sua energia para a labuta diária em uma empresa qualquer. Eram considerados meras extensões das máquinas. Na atualidade, não é só o setor de RH que deve reconhecer que o colaborador é muito

mais que isto. O trabalhador é um ser pensante, inteligente, que tem sonhos, entusiasmo, ambições, vontades, expectativas.

Aplausos.

ELE: O trabalhador almeja criar parcerias com o estabelecimento que o emprega. (Boca tá seca). Nós, profissionais de recursos humanos, temos que nos adequar aos novos tempos. (Ninguém está prestando atenção. Mais cinco palestras e eu garanto o cruzeiro de ano novo). *Pigarro.* (Suor nas mãos). Precisamos falar de administração de pessoal, treinamento e capacitação, investimento em bem-estar físico e mental²-

Um corpo cai do décimo andar.

ELE: Uma ambulância! Chama uma ambulância!

Um corpo cai no chão do lado de fora do café.

QUARTA: Uma ambulância. Chama uma ambulância.

OUTRA: Chama você. Vou ver o estado dele.

QUARTA: Alô. Alô. Aconteceu um acidente. Num edifício comercial qualquer. Numa esquina qualquer.

TERCEIRA: Quanto te devo? Quero sair.

QUARTA: Oi?

TERCEIRA: Quanto te devo?

QUARTA: Você quer dizer, quanto ele vale? O chá?

TERCEIRA: Que seja.

QUARTA: Três minutos. *Silêncio.* Pra você imagino que valha três, para mim quinze.

TERCEIRA: Que?

QUARTA: O tempo que você tem que trabalhar pra pagá-lo.

TERCEIRA: ãnh? Fala em dinheiro. To com pressa.

QUARTA: Deixa. Fica por minha conta.

TERCEIRA: Eu... tá. Obrigada.

MÃOS de OUTRA batendo de forma ritmada: Eles/ não/ percebem/. Não/ fazem/ ideia/. A/ cada/ dia/ o/ cansaço/ de/ todos/ nós/ pesa/ mais/ um/ pouco. Nós/ sim/ nós//// as/ partes/ de/ dentro/ deles. / Exaustas/ fartas/ quiçá//// violentas. Mas deixa estar.

ELA, sozinha, na escrivania do avô, lendo: NASDAQ +0.32%, EURO-DÓLAR +0.52%, --- OFERTA IMPERDÍVEL---(fechar janela). BOVESPA+2.29% -- NÃO perca essa chance— BOVESP- VOCÊ NÃO PODE FICAR DE FORA (fechar janela). Merda. BOVES- ATENÇÃO!!! (fechar janela).

VIVA-VOZ: Senhora?

ELA: Estou ocupada.

VIVA-VOZ: Mas senhora estamos oferece--

ELA: Agora não. *Se levanta. Sente o formigamento. MERDA. Anda mancando.*

VIVA-VOZ: Você não deseja fazer um upgrade?

ELA *parando*: Upgrade?

VIVA-VOZ: Uma oportunidade única de se tornar Deluxe Premium Platinum.

ELA: Platinum. O Silvio é Platinum. O SILVIO. *Palpitação.* Um upgrade. Nossa, já?

VIVA-VOZ: Oferta por tempo limitado. *Silêncio.* Senhora?

ELA: Platinum.

VIVA-VOZ: Isso mesmo. A senhora deseja estar fazendo o upgrade?

ELA: Eu? Sim.

VIVA-VOZ: O sistema está me informando que você trabalha entre setenta e duas e noventa horas semanais, certo?

ELA: Certo!

VIVA-VOZ: Para estarmos incluindo a senhora na categoria Platinum, basta concordar em trabalhar cem horas semanais. É muito simples.

ELA: Cem horas semanais?

VIVA-VOZ: Isso mesmo, senhora. A senhora está de acordo?

ELA: Eu...

VIVA-VOZ: Lembrando que a categoria Platinum, estaria trazendo mil e uma vantagens para a senhora. Incluindo um programa de pontos válidos nos nos melhores

resorts, shoppings, academias, lojas online, restaurantes e spas de toda a América Latina.

ELA: América Latina?

VIVA-VOZ: Logando quinze horas extras nas férias anuais o benefício se estenderia para a América do Norte. Abrindo mão das férias, o bônus fica válido na Europa.

ELA: EUROPA.

VIVA-VOZ: E esse é apenas um dos inúmeros benefícios que nossos clientes exclusivos VIP Platinum podem estar usufruindo.

ELA: EUROPA. *Muita palpitação.* PLATINUM. O Sílvio é Platinum. Cem horas. *Mais palpitação ainda.* A primeira do departamento. A primeira de todas. Pioneira Platinum.

ELE: Sua opinião é muito importante para nós. Digo, não vai perder essa, vai?

ELA: Não.

VIVA-VOZ: Maravilha. Bem-vinda ao programa Platinum. Plim.

ELA: Obrigada.

VIVA-VOZ: Para otimizar sua experiência já instalamos o serviço de banco de horas em seus dispositivos. Vou estar habilitando os alertas, agora. Plim, plim, plim, plim.

ELA: Obrigada!!!

VIVA-VOZ- Obrigado a senhora pela preferência. Nesse ritmo, em poucos meses a senhora se qualificará para a categoria Diamond. Plim!

ELA: Diamond? Diamond? *Palpitação.*

Freada. Buzina. Impacto.

OUTRA *com um tapa-olho*: Licença por tempo indeterminado. Leia-se afastamento por doença mental. *MÃO de OUTRA começa a desabotoar a blusa de OUTRA.* Mas, quando o assunto é beleza, em um país subdesenvolvido, quem tem um olho e uma especialização é rei. *MÃO de OUTRA dá um tapa na cara de OUTRA.* Com meu valor promocional, as pacientes perdoam qualquer coisa, até isso aqui. *A OUTRA MÃO de OUTRA segura a MÃO de OUTRA.* Confusão. *OUTRO OLHO de outra tremula.* Enquanto não perder esse olho, sigo na atividade. Depois, eu vejo o que faço.

TERCEIRA <i>naquele cubículo escrevendo:</i>		<i>ELE naquele mesmo prédio qualquer:</i>
Ext. Parquinho- dia. Karen,		Endomarketing. Uma prática inovadora
uma menina de seis anos está		que visa usar as estratégias do marketing

sozinha em um balanço. De repente, surge a princesa do gelo. A menina se encanta. A princesa abre a mão direita e mostra um batom cintilante. Ela passa o batom, a boca dela começa a brilhar. A menina está hipnotizada. A princesa dá o batom de presente para a menina que imediatamente passa ele nos lábios. *Terceira abre uma caixa de bombons, come tudo. Abre a segunda, começa a comer. Para.* Surge uma outra menina, ela vê Karen e a princesa e pede para brincar com elas. Karen se anima e aceita. *Terceira pega agora uma broa de milho, dá uma mordida. Para. Pega Nutella e passa na broa. Come. Para.* Corta para as duas meninas de batom brincando com a boneca da princesa. Passa um menino com um carrinho. Ele vê as meninas e se encanta, deixando o carrinho cair. As meninas percebem tudo e sorriem. A boneca da princesa sorri e pisca para a câmera. *Terceira vomita. Se levanta, vai até a janela. Abre a janela. Sente a brisa.*

tradicional no meio externo e aplicá-las dentro do ambiente da empresa, associados à conceitos de Recursos Humanos. *Tosse.* (Merda. Eles vieram só pra comer biscoito e tomar café. *Suor na testa, suor escorrendo pelas costas, calafrio.* É preciso valorizar o capital humano, *Tosse, tosse, falta ar, tosse.....* Desculpe. Se nós agregarmos valor às pessoas, elas passam a ter maior ânimo, determinação, se sentem apreciadas pelos empregadores e ficarão mais inclinadas a contribuir na cadeia produtiva. Pode não parecer a princípio, mas investir no capital humano é uma estratégia potente para a produtividade e sucesso na/ voz *some.....* *Pigarro.* Na empresa. Elas se sentirão motivadas, valorizadas e conseqüentemente contribuirão de forma produtiva/ (Não consigo mexer minha língua, meu Deus, respira, respira.) *Formigamento no braço direito. Os dentes cerram. A visão escurece. Ausência.* *Alerta de calendário. VIVA-VOZ:* Faltam cinco minutos para você bater a meta semanal.

ELE: *Tosse.* Em suma, sejam empreendedores da própria carreira. Ser protagonista é aprender e gerar impacto positivo nas pessoas ao seu redor. Obrigado a todos.

QUARTA: Isso que você falou vale para todos?

ELE: Oi?

QUARTA: Os funcionários todos.

ELE: *Tosse.* Os princípios são gerais e abrangentes.

QUARTA: E vagos... Para os do café. Aqui de baixo. também?

ELE: Vagos? *Sem ar.* Do café?

QUARTA: Sim. A capacitação. Vale para todos do prédio? *Silêncio.* Lembra de mim?

ELE: Desculpe, eu.

QUARTA: Expresso duplo, sem açúcar.

ELE: Hein?

QUARTA: Amargo. Você gosta de café amargo.

ELE: Ah... sim. Oi, tudo bem?

QUARTA: Tânia.

ELE: Prazer, Tânia.

QUARTA: Prazer?

ELE: Modo de dizer. Não sabia seu nome antes.

TÂNIA: Pois é. Cinco anos de café amargo, expresso, duplo e...

ELE: *Tosse...*

TÂNIA: Ninguém aqui fala comigo. Não de verdade. Quem sou eu afinal? Tenho dois filhos. Thiago e Luan. São oito horas por dia na cafeteria, fora o serviço de babá aos fins de semana. Estou exausta como ELE. Acho que mais que ELE. Não. Não tenho como saber. O que significa se arrepender do curso da própria vida quando não se tem escolha alguma? Não trabalho muito porque quero mais coisas, trabalho muito para ter o mínimo. Meu corpo é meu aliado. Ele sofre comigo e resiste. Eu resisto. Persevero enquanto corpos caem do décimo andar.

TÂNIA: O programa de capacitação. Vale para todos?

ELE: Seu serviço é terceirizado, não é? Pois é, então...

TERCEIRA *sentada no parapeito do décimo andar:* Há semanas meu trabalho me dá náuseas. Reais, não figurativas. Hora após hora. As contas do semestre todas pagas e ainda assim faço horas-extras. Porque penso no futuro. No futuro. E naquele produto novo, imperdível. Para ter ele, como faço? Passo mais horas aqui. Vejo relógios por

toda parte. Cada objeto, comprado ou desejado carregam uma fração da minha vida. Vivida ou futura. Meu presente é refém do trabalho. É moeda das minhas aquisições futuras. E quando ocioso, é registro ritmado da minha pobreza em potencial. *Silêncio*. O vento. Pausa. Ah, o vento. Quantas horas ele custa? Nenhuma. O vento não me custa nada.

No café daquele prédio, daquela esquina.

TÂNIA: Um prédio de dez andares tem, em média, trinta metros, três metros por andar. Um corpo que cai dessa altura atinge o chão com uma velocidade média de vinte e cinco metros por segundo. Isso equivale a noventa quilômetros por hora. Cada vez que dirigimos no limite médio de velocidade estamos passeando na beira de uma janela metafórica. Onde mora nosso instinto de sobrevivência?

ELE: Mas tem um detalhe. Chão não tem airbag.

OUTRA: E janelas não tem barbeiros.

TÂNIA: Nem animais na pista.

ELE: Já nem me abalo tanto. Com as quedas.

TÂNIA: A gente se acostuma a tudo. Não vejo meu filho a cinco dias.

VOZ: Alerta de calendário.

OUTRA: Tenho que ir.

ELE: Que pena. Como será? Cair?

VOZ: Alerta de calendário.

OUTRA: É rápido. Tenho que ir. A paciente do décimo andar.

ELE: Quantas cirurgias você faz por semana? Rápido quanto?

OUTRA: Lipo, em média dez. A queda? Uns três segundos, acho. Abdominoplastias pós-bariátrica aumentam no pré-verão. *OLHO de OUTRA fecha*. E tem outros procedimentos. Varia. Isso sem contar especialização, congressos, palestras. *MÃO de OUTRA treme*. E tem o projeto do livro.

TÂNIA: Atende adolescentes?

OUTRA: Muitos. *MÃO de OUTRA mexe desordenadamente*.

OLHO de OUTRA: Estou exausto. Fecho minhas pálpebras, mas não durmo. Vejo coisas sem querer. Não tenho controle algum, tudo depende de OUTRA. Gosto do quadro da antessala, pontos pretos cercados por uma imensidão de azul. Queria morar

ali, naquele azul. Mas vejo sempre palavras, luzes fluorescentes, fluidos... e vermelho, muito vermelho. Sinto falta da escuridão.

TÂNIA: Plástica reparadora?

OUTRA: Às vezes. *Alerta de calendário. MÃO de OUTRA treme mais, (disfarça, disfarça). O mais comum é ser estética mesmo. MÃO de OUTRA dá um tapa na mesa com força. Desculpa. Eu não...*

TÂNIA: Respira. Calma. Você deve estar cansada. Já fez algum procedimento hoje?

OLHO de OUTRA: Vejo portas abrirem. Dedo no botão. Terceiro andar. Corredor. Porta. Luz fluorescente. Mulher sedada. MÃO de OUTRA bota as Luvas, pega o bisturi, corta uma barriga. Pausa. Tremor. Continua. Vejo vermelho, muito vermelho. De novo. E mais.

OUTRA: Sim, fiz um de manhã... *MÃO de OUTRA dá um tapa mais forte na mesa.*

TÂNIA: Vou fazer um chá. *MÃO de OUTRA agarra o braço de QUARTA.*

Pausa. Eu... Me solta?!

OLHO de OUTRA treme, MÃO de OUTRA afrouxa a pegada. TÂNIA sai. TÂNIA volta lendo em voz alta: Síndrome da mão alheia, também chamada de síndrome do Dr. Strangelove. Distúrbio neurológico em que a mão da pessoa parece ter vida própria.

OUTRA: Você sabe de muita coisa hein.

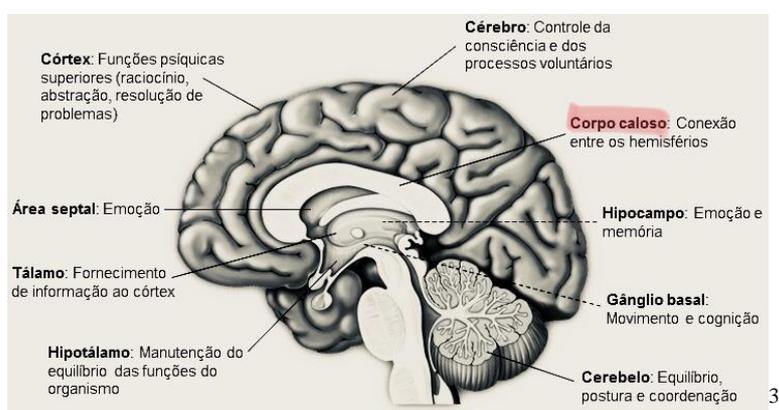
TÂNIA: Tédio, curiosidade, Google.

OUTRA: Não é o meu caso. É de boldo, você lembrou.

TÂNIA: Ah, não? Lembrei.

OUTRA: Síndrome rara. Em geral é sequela de cirurgia para tratar a epilepsia. Obrigada.

TÂNIA: Diz aqui que a síndrome vem da falta de comunicação entre os hemisférios do cérebro. Fruto de lesão no... corpo c-a-l-o-s-o. Ó:



TÂNIA: Com a lesão, cada hemisfério passa a ter vontades independentes, que podem entrar em conflito.

ELE: Dr. Strangelove. Kubrick.

OUTRA: Oi?

ELE: Seu cérebro está em guerra fria.

TERCEIRA *ainda no parapeito*: Balancei os pés do lado de fora, mas... Parei. Diante do abismo, parei. Vi um corpo caindo. Corpo, não. Alguém. Na queda ainda era alguém. Primeiro, me pareceu um convite macabro. Depois um alerta. Um soco no estômago. Vi o perigo naquele chão, os segundos que levariam para encontrá-lo. Foi demais pra mim. Nasci para morrer lentamente, até os oitenta. (Dizem que a gente se acostuma com tudo. Mas a queda é rápida demais. Antes de qualquer conforto ela vira impacto. E depois, o nada. Não dá tempo de se acostumar com a queda.)

Noite. ELA na escrivaninha do avô, lendo: MS MAPtrend 6% Vol Index + 0.21%, NASDAQ +0.32%... *Cochila. Tempo. Madrugada.*

VIVA-VOZ: Faltam cinco horas para você cumprir a meta semanal. Seja Premium.

ELA na cama: Ué?! *ELA levanta e anda em direção ao escritório. O joelho falseia. Cai. Levanta. Ambos joelhos falseiam, cai, bate a cabeça no chão. Tempo.*

TERCEIRA *no décimo andar daquele prédio*: Quero reduzir minha carga horária.

ELE: De quanto foi a oferta?

TERCEIRA: Não tem oferta. Pela metade. Quero reduzir pela metade.

ELE: Foi a filial de São Paulo. Claro.

TERCEIRA: Não foi. O mais rápido possível. Quero reduzir o mais rápido possível.

ELE: *Tosse*. Pela metade? (Essa falta de ar, de novo?!)

TERCEIRA: Nenhum minuto a mais. Divida como quiser. O que for melhor pra empresa.

Corpos caem do décimo andar.

ELE: Aqui, entre nós, quanto te ofereceram?

TERCEIRA: Ninguém me ofereceu nada.

ELE: E seu plano de carreira. Seus sonhos? Sua renda? Curitiba, foi a startup de Curitiba?

TERCEIRA: Não teve oferta, já disse. Não sei explicar melhor do que isso.

ELE: Tá, vamos jogar esse jogo, então. E as contas?

TERCEIRA: Vão diminuir muito.

ELE: A gente investe nos funcionários e eles passam a perna na gente. *Tosse.* Eu acho que/ *não consegue falar, mas tenta incessantemente ao longo da fala de terceira.*

TERCEIRA: Menos idas ao escritório, menos roupas, menos passagens, menos almoços fora de casa. Mais horas de sono, mais exercício ao ar livre, menos estresse, menos doenças, menos cremes. Mais tempo, mais autonomia, menos serviços domésticos contratados. Menos conference calls, mais encontros ao vivo com amigos, mais/

ELE: Já entendi. E o tédio?

TERCEIRA: É lindo. E meu, só meu. Não preciso mais que me digam o que fazer, pelo menos não o dia todo. Resolvi ouvir meu estômago. Estou procurando alternativas. Pra isso preciso de tempo. Tempo livre- nunca essa expressão fez tanto sentido pra mim quanto agora. Quero pensar como o vento, puro fluxo, sem cifras, mesmo que por um momento. Pílulas de férias diárias. Porque vida é todo dia.

OUTRA no centro cirúrgico. PESSOA SEDADA na maca. OUTRA pega o BISTURI. Monitores apitando. MÃO de OUTRA larga o bisturi. Suor escorrendo. MÃO de OUTRA resiste, mas OUTRA faz força tentando obrigar a MÃO a pegar o bisturi. OLHO de OUTRA tremula. MÃO de OUTRA pega o BISTURI com convicção. O bisturi se aproxima da barriga da PESSOA. MÃO de OUTRA para logo antes de encostar na pessoa. OUTRA tenta fazer incisão na barriga. MÃO resiste. Suor. Monitores apitando. OLHO de OUTRA tremula mais. De súbito, MÃO de OUTRA começa a recuar. OUTRA tenta resistir, mas a MÃO de OUTRA persiste, retrocede. OUTRA tenta pegar a MÃO rebelde com a outra, sem sucesso. De súbito a MÃO de OUTRA perfura o OLHO de OUTRA com o Bisturi. Berro. Desmaio. OLHO de OUTRA relaxa, finalmente. Tempo.

OUTRA se levanta ainda com o bisturi no olho: Graduação em medicina. MÃO de OUTRA coça o rosto de OUTRA. Residência. Ansiolíticos. Solidão. Diploma. MÃO de OUTRA puxa com força os cabelos de OUTRA. Especialização. OLHO de OUTRA treme. Outro diploma.

ELA no chão de casa dormindo. PERNAS de ELA levantam, começam a andar sem ELA acordar. PERNAS de ELA Agora andam em

PHD. Pesquisa. *MÃO de OUTRA soca o plexo de OUTRA.* Artigos. Palestras. Pacientes. Livros. Livros. Cursos. Certificados. Perfil em revista. *MÃO de OUTRA se move desordenadamente.* Mais pacientes. Novos procedimentos. Mais especializações. Recorde de procedimentos mensais. Sucesso. *MÃO de OUTRA soca o nariz de outra. OUTRA desmaia.*

ELE: É uma alegria ver todo o departamento reunido. Nós do RH temos orgulho de toda a equipe por ter perseverado durante os acidentes ocorridos em nosso edifício. Não tivemos nenhuma fatalidade em nosso departamento. *Tosse.* REPITO! Nenhuma fatalidade. *Tosse muito.* E, para celebrar essa resiliência e lealdade à empresa, todos receberão um bônus surpresa! *Engasga. Dormência no braço direito.* As transferências eletrônicas estão sendo feitas neste momento. *Dor. Falta de ar.* Em breve, vocês receberão a notificação em seus smartphones. *Dentes fazendo força para cerrarem.* E o valor é surpresa. *Voz quase não sai.* Vamos descobrir juntos. *Tosse muito. Desmaia.*

OUTRA *ainda com o bisturi no olho:* Ainda não caiu a ficha

ELE *acordando:* Quem dorme no volante às três da tarde?

OUTRA: Quem vira a noite anterior.

ELE: Insônia?

OUTRA: Não. Mercado financeiro. Ambiciosa. Ignorou os sinais. *Espirra.*

ELE: Saúde.

OUTRA: Obrigada. Horas olhando para ela na estrada, nem senti a chuva.

ELE: ...Vai para a clínica hoje?

direção

a

janela,

ELA

ainda

dormindo.....

PERNAS de ELA

param

no

parapeito

da

janela,

ELA

abre

os

olhos,

quase

se

desequilibra,

fica

paralisada

diante

do

abismo.

Respira parada.

OUTRA: Não. *MÃO de OUTRA treme. Volto amanhã.*

ELE: Só assim...

OUTRA: Fala.

ELE: Deixa.

OUTRA: FALA.

ELE: Só assim para ela descansar.

OUTRA: Ela não acreditava nessas coisas.

ELE: Só assim para você descansar.

OUTRA: Por que você veio?

ELE: Por você.

OUTRA: Lugar estranho pra cantar alguém.

ELE: Lugar estranho para guardar seu bisturi.

OUTRA: Bobo, nesse dia ele não estava aqui ainda. *MÃO de OUTRA pega o braço de ELE. Me leva pra casa?*

ELE: Te deixo em casa. Mas te visito a noite. Reunião marcada. Diretoria e tudo.

OUTRA: No resto daquele dia de luto pela minha amiga, eu vivi a felicidade. É estranho, uma tarde qualquer, assim, como por capricho, ser a mais feliz de toda a sua vida. Só me dei conta disso depois. Passei anos com uma ideia imposta de felicidade. Essa ideia me assombrou a ponto ocultar a felicidade real que estava bem na minha frente, naquele dia. Fui feliz sem perceber. Ali, convalescente, sob um sol entre nuvens, lendo um romance com dois olhos, um punhado de cigarros e meus pensamentos. Eu era tosse pura. Quem diria? Tantas vezes gargalhei quando, na verdade, estava dormente. Foi em uma crise de tosse que experimentei a mais pura alegria da minha vida. Incrível. Por conta de um vírus, gozei uma pausa de cinco horas. Depois dormi. *Silêncio. Tempo.*

TERCEIRA deitada no sofá de casa de madrugada ouvindo um passarinho cantar. Tempo. Ócio. Culpa. Em um determinado momento ela faz menção de levantar. Desiste. Se entrega à escuta. O passarinho continua cantando.

TÂNIA: Depois, depois, depois. Tudo em função do depois. Para ter mais ainda. Mais e mais, para ser mais ainda. E as coisas que não têm depois? As que ficam para trás? Um segundo, vinte e cinco metros, e ELA ali, imóvel. Depois nada. Fim. Por dez anos, vinham, ELA sentava ali e a OUTRA ali. Mais de quinhentas semanas, quatro mil cafés

coados, cinco mil expressos macchiatos. Horas e mais horas dedicadas para quem sabe um dia viver a glória. A glória inventada delas. Uma se arruinou, a outra morreu. E depois? Nada. Não sinto falta delas. Mal as conhecia. E agora? Sou gerente. Um dos donos “caiu” do prédio, o outro não entende do ramo. Perguntou quanto eu queria por mês pra cuidar das coisas. Dois minutos, eu disse, quero que um café valha pra mim o tempo que levo para fazê-lo. Ele topou. Agora, descanso aos domingos. E sirvo o café do meu jeito. Mas nem tudo se resolveu. Se me distraio, sinto a dormência. Aquela dormência. É minhas pernas agora podem formigar. Ganhei esse direito. Pff. Não faço questão. Amo meus filhos. Corpos continuam caindo do décimo andar e talvez nunca parem. Não quero virar estatística. O açúcar é bom, conforta, mascara, mas não elimina o amargo do grão.

“Estamos aqui para desaprender os ensinamentos da igreja, do Estado e do sistema educacional. Estamos aqui para beber cerveja. Para matar a guerra. Estamos aqui para rir dos riscos e viver tão bem que a Morte vai tremer ao pensar em nos levar.”
— Charles Bukowski⁴

¹ Foto modificada, original de Mike Phillips.

² Informações sobre o tema retiradas do site RH Portal- <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/historia-e-finalidade-da-rea-de-recursos-humanos/>

³ Imagem retirada e modificada do site do Centro de Informações Sobre Saúde e Álcool- <http://www.cisa.org.br/userfiles/Image/SAF-Fig2.png>

⁴ Citação tirada do site <http://www.maryellenmark.com/text/magazines/life/905W-000-037.html>, que contém parte da edição de dezembro de 1988 da revista americana Life.